

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

**Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento
Albuquerque ou o MME:**

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	2
Título: Petrobrás traça plano para venda de oito refinarias	2
Título: Chavismo reabre fronteira com Brasil e autoridades preveem pico migratório	3
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	5
Título: Vida está muito pior um ano após mobilização, dizem caminhoneiros.....	5
Título: Motoristas querem manifestação no dia 19 em Brasília.....	8
Título: Alimentos sobem menos, e inflação desacelera em abril	9
VEÍCULO: O Globo	12
Título: Após Brumadinho, Vale promete priorizar segurança	12

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 11/05/2019****Seção: Economia****Autor: Fernanda Nunes / RIO****Título: Petrobrás traça plano para venda de oito refinarias**

Ideia é concluir as negociações das unidades e da infraestrutura ligada a elas até 2021

A Petrobrás espera concluir a venda de oito refinarias de petróleo e da infraestrutura logística associada a elas em 2021. À medida que as negociações avançarem, as unidades vão ser transformadas em empresas independentes, que poderão contratar os empregados da estatal. Esse detalhamento de como acontecerá a privatização faz parte de um comunicado da diretora de Refino e Gás, Anelise Lara, aos funcionários, ao qual o "Estadão/ Broadcast" teve acesso.

No documento, a executiva afirma que, mesmo com a venda de oito refinarias – as usinas que transformam o óleo bruto em produtos como diesel, gasolina e querosene de aviação, por exemplo –, a Petrobrás continuará dominando o setor, uma atividade considerada estratégica. A diferença é que os investimentos, após a venda dos ativos, serão focados nas unidades da Região Sudeste, onde estão localizados os grandes campos produtores de petróleo e gás natural, nas Bacias de Campos e Santos.

A expectativa é que a divulgação oficial para o mercado das informações preliminares sobre cada um dos ativos de refino aconteça no fim do primeiro semestre deste ano. Ao longo do segundo semestre de 2019 e nos primeiros seis meses de 2020, prosseguirão as negociações. Passada essa fase, as refinarias que despertarem o interesse de compradores vão ser separadas do parque de refino estatal e serão transformadas em empresas independentes. A partir daí, será iniciada a fase de transferência da operação, até que a venda seja concluída, o que deve acontecer em 2021.

Aos empregados das refinarias, a diretora informou que a empresa oferecerá um "cardápio de opções", que inclui o programa de desligamento voluntário (PDV) já em curso e a realocação interna, se houver interesse da companhia. Ainda deve ser oferecido um plano de desligamento via acordo e a possibilidade de os funcionários migrarem para a empresa que vai ser criada.

Após a conclusão da venda, será iniciado um período de transição, cuja duração vai ser negociada com os compradores. Durante esse período, os empregados continuarão a trabalhar na refinaria como parte da equipe da Petrobrás. Nesse momento, o comprador poderá convidar alguns dos profissionais a fazer parte

da nova empresa. Caberá ao funcionário decidir se vai aceitar ou se prefere continuar na estatal. Mas a Petrobrás também terá a opção de escolher com quais empregados quer ficar. "As refinarias que serão mantidas vão implantar, de modo intensivo, novas tecnologias de transformação digital, incluindo a geração de produtos mais sustentáveis e de alto valor agregado", acrescentou a diretora.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 11/05/2019

Seção: Internacional

Autor: Felipe Frazão / BRASÍLIA Cyneida Correia ESPECIAL PARA O ESTADO BOA VISTA

Título: Chavismo reabre fronteira com Brasil e autoridades preveem pico migratório

Após 78 dias. Líderes locais esperam forte movimento nos próximos três dias, depois de 600 venezuelanos terem ingressado nas horas seguintes ao anúncio – a média diária em 2019 foi de 431; Maduro reforça distanciamento da Colômbia, onde bloqueio segue

Logo após o chavismo reabrir a fronteira com o Brasil, ontem, 600 venezuelanos entraram no País e as autoridades locais esperam um fluxo acima do normal nos três próximos dias – a média diária no ano é de 431 imigrantes. O movimento preocupa os responsáveis por monitorar a sobrecarga nos serviços públicos de Roraima, mas entusiasma comerciantes, que viram as vendas cair até 80% desde o fechamento, 78 dias atrás.

O tráfego regular de pessoas e mercadorias entre os dois países estava bloqueado desde a operação que tentou levar comida e medicamento americanos para o território venezuelano, em fevereiro.

O anúncio da reabertura da fronteira com Brasil e Aruba foi feito pelo vice-presidente de Economia, Tareck El Aissami, na TV. Ele comunicou também que as fronteiras com a Colômbia e as outras Antilhas Holandesas permanecerão fechadas. Segundo Aissami, elas continuarão assim até que cessem as hostilidades em relação ao governo Maduro. Sobre o Brasil, o ministro pareceu sinalizar o desejo de uma reaproximação.

Em Foz do Iguaçu (Paraná), o presidente Jair Bolsonaro afirmou que o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, havia sido inteligente ao reabrir a fronteira. "Agora parece que a energia elétrica também vai ser restabelecida", disse Bolsonaro. Roraima é abastecido por energia elétrica venezuelana.

Segundo o prefeito da fronteira Pacaraima, Juliano Torquato (PRB), as negociações para reabertura da passagem começaram na véspera, em razão de crianças brasileiras que moram em Santa Elena do Uairén, cidade venezuelana mais próxima da fronteira, e estudam no Brasil. O vice-cônsul brasileiro na cidade, Ewerton Oliveira, e o prefeito negociaram com generais da Força Armada Nacional Bolivariana (FANB) e conseguiram, primeiro, autorização para a passagem diária de cerca de 500 pessoas, entre pais e alunos.

Outra parte deles tinha casa nos dois países, mas optou por morar no Brasil quando a fronteira foi fechada – a escola, entretanto, ficou do lado venezuelano. Por isso, havia preocupação com desistência dos alunos e excesso de faltas, em razão das condições de trânsito pelas vias clandestinas que passaram a servir como único caminho – uma série de trilhas abertas na mata de savana da região, que no inverno ficam intransitáveis por causa da chuva.

As vendas em Pacaraima, em sua maior parte feitas em espécie, haviam caído cerca de 80% em padarias e no comércio que se concentra em apenas uma rua da cidade. Roraima é o principal fornecedor de comida e itens de consumo diário para a cidade de Santa Elena. Os brasileiros tendem a voltar a adquirir insumos, necessários para a produção agrícola em Roraima. Para o prefeito, a reabertura é positiva porque o comércio vindo da Venezuela foi um dos motores do crescimento da cidade: "É muito bom para geração de emprego e renda".

Sobrecarga. O maior problema será o potencial impacto com a vinda de mais refugiados que elevaram a demanda na rede municipal de ensino. O prefeito calcula que a quantidade de alunos matriculados passou de 2.070 para 2.772 em sala de aula e outros 860 alunos matriculados, mas sem espaço para estudar. O fechamento da fronteira havia provocado uma queda do fluxo de refugiados que chegam ao Brasil de até mil pessoas por dia para 200 nos dias mais calmos. Na semana passada, no entanto, segundo o Exército, essa média voltou a subir após os protestos opositores no país.

O secretário de Segurança Pública de Roraima, Márcio Amorim, disse que a pasta montou um plano estratégico e as forças policiais estão preparadas para qualquer tipo de tensão. "Os grupos táticos estão a postos, apesar de não ser atribuição do Estado a segurança na fronteira, mas já tínhamos iniciado um trabalho integrado na coordenação de inteligência para que não fôssemos pegos de surpresa."

O anúncio venezuelano pegou de surpresa o Itamaraty, que primeiro disse desconhecer a medida e logo afirmou que a liberação havia ocorrido às 16 horas. Cerca de 150 mil venezuelanos entraram no Brasil desde o início da migração em 2017. / COLABOROU JOSÉ MARIA TOMAZELA

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 11/05/2019****Seção: Mercado****Autor: Heloísa Negrão****Título: Vida está muito pior um ano após mobilização, dizem caminhoneiros**

Além da alta do diesel e do descumprimento da tabela do frete, categoria reclama da falta de trabalho

UM ANO APÓS CAMINHONAÇO

São Paulo - Após a mobilização inédita, que conseguiu travar o transporte de cargas no Brasil por 11 dias em 2018, a sensação entre os caminhoneiros era de vitória. Uma longa e polêmica lista de exigências havia sido atendida pelo governo de Michel Temer. Prestes a completar um ano, porém, o movimento já não parece tão bem-sucedido assim para esse grupo de trabalhadores.

O consenso entre os caminhoneiros é que a situação está pior do que antes da paralisação.

Entre os pedidos atendidos, destacaram-se o subsídio ao diesel, que acabou em dezembro, e a criação de uma tabela com preços mínimos para o frete, que foi instituída via decreto, mas nunca valeu de verdade. Está sendo questionada na Justiça, é contornada pelas empresas, que até investiram em frota própria e outros tipos de transporte para evitar a dependência do caminhoneiro autônomo, e não é devidamente fiscalizada pela ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres), segunda reclama a categoria.

"O Brasil nunca esteve tão ruim", diz Paulo Roberto Moraes dos Santos, 57, proprietário de quatro caminhões que compartilha com o filho e o sobrinho. O caminhoneiro de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, afirma que agora nem adianta tabela do frete ou diesel barato. Falta trabalho.

"Está tudo parado, não tem serviço, não tem carga para todo mundo. Precisa melhorar o país como um todo. É saindo da crise, voltando a produzir mais e a vender mais que vai ter carga para a gente transportar", diz Moraes.

João Batista Rodrigues Alves, 47, de Fortaleza, no Ceará, conta que passou 14 dias na beira de uma estrada, em Belém, no Pará, quando aderiu ao protesto. Agora, porém, para por não ter que o fazer.

Na última segunda-feira (6), completava o quarto dia sem ter o que fazer no Terminal de Cargas de São Paulo. Antes do serviço que o levou à capital paulista, ficara 18 dias em casa a espera de um frete.

Pelo trajeto de Fortaleza para São Paulo, recebeu R\$ 9.300 — \$ 2.700 menos do que ganhou da última vez.

"Se eu tivesse visto um posto de fiscalização da ANTT, eu teria parado e denunciado [a empresa que pagou menos que o piso do frete]. Mas não vi nenhum", diz ele.

Segundo Alves, as transportadoras chegam a provocar os caminhoneiros que ameaçam denunciá-la: "Nos dizem: pode denunciar, nunca vimos uma multa chegar aqui."

João Francisco de Oliveira, de São Paulo, reclama que a maioria das empresas não cumpre a tabela do frete. "Agora [com menos serviço], é que não vão cumprir mesmo", diz.

Quando conversou com a reportagem, Oliveira disse estar há 20 dias com o caminhão estacionado.

Representantes do governo de Jair Bolsonaro (PSL) têm feito reuniões com os caminhoneiros desde o período de transição. A principal promessa é aumentar a fiscalização para obrigar as empresas a cumprirem o valor da tabela.

No terminal de carga de São Paulo, a reportagem encontrou vários caminhoneiros parados há dias à espera de trabalho. Vindos de outros estados, eles estacionam os caminhões em um terreno próximo à rodovia Fernão Dias.

O local é estratégico por ficar ao lado do terminal onde a maioria das transportadoras repassa cargas para os autônomos. Por isso, a permanência ali tem o seu preço. São R\$ 80 para estacionar por até 15 dias.

Parado há quase duas semanas, Vanderlei Araújo, 62, conhecido como Capitão, já não consegue tirar o caminhão facilmente. A bateria "arriou".

Será preciso pagar R\$ 20 para o mecânico do local fazer a chupeta e recuperar as baterias. Mas ele só terá os R\$ 20 quando pegar um frete de volta para Curitiba, no Paraná.

Com o dinheiro também terá de quitar a conta da lanchonete da Nêga, que fica na beirada do estacionamento. "A gente só come por que o pessoal ajuda e vende fiado", diz.

Claudemar Alves da Silva, 55, de Sinop, no Mato Grosso, conta que já teve de reunir caminhoneiros para dividir uma marmita com um colega que não tinha como pagar pela refeição.

"A gente tinha reserva até o governo da Dilma. Depois que ela saiu, todo mundo teve que usar o que tinha guardado para poder sobreviver", afirma. Ele diz que nos anos de bonança teve R\$ 18 mil reais na poupança — reserva para manutenção do caminhão.

O governo Temer mudou a política de preços dos combustíveis e as variações passaram a ser diárias. Em decisão para agradar a categoria, Bolsonaro anunciou, em março, que o intervalo de aumento passaria a ser de 15 dias.

Claudemar conversava com a reportagem apressado para atender o celular. Era um possível frete: "se a gente demora cinco minutos para responder, vem outro e leva".

Ele está ali esperando para voltar ao Mato Grosso. Conta que, em qualquer lugar que chega, demora de cinco a oito dias para pegar um carregamento de volta ao estado de origem. "Antes, aqui nesse mesmo terminal, eu chegava de manhã e à tarde já estava carregado para voltar", diz.

Araújo atribui a queda na oferta de serviço às transportadoras, que compraram grandes frotas e "jogaram o frete lá embaixo".

Dados do setor mostram que houve um movimento das empresas para comprar caminhões e ampliar a frota própria após a paralisação. Desde maio de 2018 foram fabricados 75.628 novos caminhões, segundo a Anfavea, entidade dos fabricantes de veículos. Ano passado, o número de emplacamentos de novos caminhões cresceu 48% em relação a 2017, de acordo com a Fenabreve, que reúne distribuidores de veículos.

Marcelo Bezerra, 43, de Marília, interior de São Paulo, diz que depois da greve, as transportadoras deixaram de procurar os agenciadores, que atuam como intermediários entre empresas e autônomos.

"Antes os agenciadores esfolavam a gente. Agora, está pior, porque quase já não tem mais agenciador", diz o caminhoneiro, que está há 15 dias parado no estacionamento.

Segundo Wallace Landim, o Chorão, um dos representantes dos caminhoneiros que fala com o governo, a solução para o excesso de caminhões e a falta de cargas é o cumprimento da jornada de trabalho. Assim, os caminhoneiros trabalhariam menos, e seria preciso contratar mais.

Araújo, de Curitiba, cita de cor e em tom de revolta os números de caminhões que as grandes transportadoras compraram nos últimos meses. Para ele, os autônomos devem reivindicar maior participação no mercado.

"Tem que fazer as transportadoras passarem 40% do frete para os caminhoneiros autônomos, terceirizados", afirma. Ele diz que leu a ideia em um dos grupos de WhatsApp que acompanha.

Procurado, o presidente da CNT (Confederação Nacional dos Transportes) não estava disponível para falar.

Se houver ou não mudanças para quem vive nas estradas, Araújo não vai pagar para ver. Há 40 anos na estrada, ele diz que cansou. Quando chegar no Paraná, vai vender o caminhão forrado de adesivos da campanha de Jair Bolsonaro, em quem ele diz ser a sua única esperança.

"Estou velho, vou arrumar outra coisa para fazer. Vender isso daí [aponta para o caminhão] , sei lá, trocar por uma galinha", afirma.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 11/05/2019

Seção: Mercado

Autor:

Título: Motoristas querem manifestação no dia 19 em Brasília

São Paulo - Desde 3 de maio, quando a Petrobras anunciou o aumento de 2,5% no preço do diesel, caminhoneiros voltaram a gravar vídeos chamando para manifestações. A data agora é dia 19 de maio, em Brasília. A ideia é reunir caminhões no estacionamento do estádio Mané Garrincha.

Em vídeo, Marconi França, caminhoneiro de Recife, em Pernambuco, diz que o objetivo do ato é "dar uma pressão nesse governo". Ele é um dos representantes da categoria que tem se encontrado com o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas.

O caminhoneiro também trocava mensagens com o ministro Onyx Lorenzoni, da Casa Civil, sobre as ações do governo para a categoria.

"Embora já tivéssemos concordado com a data de 20 de julho, eu estou vendo que esse governo promete demais e pouco faz", afirma Marconi.

O prazo citado refere-se a implementação de medidas que aumentarão a fiscalização da tabela do frete.

"O governo está sendo muito democrático, muito político. Está prometendo muito e agindo pouco", afirma. Marconi pede que haja um subsídio para a variação no preço do petróleo até o fim de julho. Após a greve de 2018, o então

presidente Temer definiu um subsídio de R\$ 0,46 por litro de diesel até dezembro de 2018.

Na última quinta-feira (9), na Comissão de Viação e Transportes da Câmara dos Deputados, Vander Francisco Costa, presidente da CNT (Confederação Nacional das Transportes), também reclamou do preço do diesel.

"Não temos capacidade técnica para suportar aumento de preços diários, quinzenais ou mesmo mensais", afirmou durante audiência.

O presidente da Abcam (Associação Brasileira dos Caminhoneiros), José da Fonseca Lopes, disse que as coisas estão "fervendo" nos grupos de WhatsApp monitorados pela entidade — 150 mil caminhoneiros fazem parte desses grupos.

Lideranças de caminhoneiros de grupos opostos, Wallace Landim, o Chorão, e Wanderlei Alves, conhecido como Dedeco, são contrários a uma nova paralisação.

"Enquanto não acabar com todas as minhas fichas, eu vou continuar lutando e conversando com o governo. Greve é o nosso último recurso", afirma Landim.

Alves avalia que o governo está cumprindo o acordado. Ele afirma que está recebendo ameaças por se opor a uma nova paralisação. Na última quarta-feira (8), ele teve o caminhão parado por homens armados e foi escoltado pela polícia.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 11/05/2019

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona e Anais Fernandes

Título: Alimentos sobem menos, e inflação desacelera em abril

Gasolina e remédios pesam; peste suína na China pode impactar preços no Brasil

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO - A inflação brasileira desacelerou em abril, na comparação com março, mas permanece em níveis históricos altos, informou o IBGE nesta sexta-feira (10).

O IPCA (índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) avançou 0,57% no mês passado, a maior variação para o período desde 2016. Nos quatro primeiros meses, a inflação acumula 2,09%, também a maior em três anos.

O IPCA de abril foi inferior ao 0,75% verificado em março, mas segue pressionado por aumentos nos preços de alimentos e combustíveis. No mês passado, pesaram ainda reajustes em itens de saúde, sobretudo remédios, cujos preços subiram 2,25%.

Esses três grupos foram responsáveis por 90% da inflação de abril, segundo o IBGE. Para o gerente da pesquisa, Fernando Gonçalves, é um sinal de que os índices ainda não são pressionados pela demanda.

A maior contribuição individual para a inflação do mês foi o preço da gasolina, que subiu 2,66%. Em abril, a Petrobras aumentou três vezes o valor de venda do combustível em suas refinarias.

"O preço do petróleo continua bastante pressionado, apesar do arrefecimento recente. E não há garantias de que ele não volte a subir", diz Carlos Pedroso, economista sênior do Banco MUFG.

O barril negocia dono exterior apresenta trajetória consistente de preços crescentes desde o final do ano passado — a alta acumulada neste ano é de cerca de 30%. Além disso, grandes produtores, como Venezuela e Irã, passam por períodos turbulentos, o que pode restringir a oferta no mercado internacional.

O segundo maior impacto na inflação de abril foi o tomate, que teve alta de 28,64%.

O início do ano costuma ser marcado pela alta no preço dos alimentos, já que o período chuvoso não é favorável para "lavouras curtas", como de frutas, verduras e tubérculos.

Embora tenha permanecido em patamar alto em abril (0,63%), alimentos e bebidas desaceleraram em relação a meses anteriores (em março, haviam aumentado o dobro, 1,37%), com o recuo no feijão, um dos vilões do início do 2019.

Com os aumentos de gasolina, remédios e ônibus urbanos (cujas passagens subiram 0,74% em abril), a inflação dos preços monitorados foi quase o dobro da inflação geral, fechando o mês em 1,03%.

Apesar de o IPCA de abril, assim como o de março e de fevereiro, registrar nível acima de médias mensais anteriores, analistas não veem, até o momento, riscos de pressão inflacionária para 2019, sobretudo em um contexto econômico fraco e de desemprego alto.

Mas quem olha para o IPCA acumulado em 12 meses pode levar um susto.

Até abril, está em 4,94%, o maior índice desde janeiro de 2017 e acima do centro da meta do governo para o ano, de 4,25%. Há, no entanto, uma tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

"Não podemos nos acostumar com a ideia de que 5% é uma inflação baixa. E uma taxa relevante para uma economia que não cresce e tem 13 milhões de desempregados, é um poderoso redutor de consumo", diz Fábio Silveira, sócio-diretor da MacroSector Consultores.

O acumulado até abril ainda carrega, porém, o repique de 1,26% na inflação de junho do ano passado, reflexo da explosão de preços provocada pela greve dos caminhoneiros que parou o país no fim de maio.

"Quando chegar junho e essa alta for expurgada, vamos ter ideia real de como está o comportamento da inflação de 12 meses", diz Gonçalves.

Em um exercício para "limpar" esse impacto, Alex Agostini, economista da Austin Rating, calcula que o IPCA acumulado poderia estar na casa de 4,36%.

Para maio, Gonçalves, do IBGE, vê pressão de reajustes no preço do gás de botijão, nas tarifas de água e esgoto em São Paulo, gás encanado no Rio e energia elétrica em Recife, Fortaleza e Sergipe.

Além disso, as contas de luz virão com cobrança extras-te mês, com o início da vigência da bandeira amarela, que cobra R\$ 1 para cada 100 quilowatt-hora consumido.

O mais recente relatório Focus, do Banco Central, mostra que o mercado espera um IPCA de 4,04% em 2019, num movimento de alta em relação a semanas anteriores.

O câmbio é, na análise da economista do Itaú Unibanco Julia Passabom, o principal fator de risco para uma alta da inflação. "Por enquanto, ele continua em uma trajetória bem confortável", afirma.

Agostini chama a atenção também para um aumento de preços mais prolongado nas carnes devido à restrição de oferta na China.

Como alastramento da peste suína no país, o gigante asiático poderá ter um déficit de 10 milhões de toneladas de carnes neste ano.

A China já comprou 26% de toda a carne vendida pelo Brasil nos quatro primeiros meses do ano, segundo a coluna Vaivém das Commodities.

"Haverá um direcionamento [da produção] para a exportação. A redução da oferta doméstica aumenta os preços por aqui", diz Pedroso, do Banco MUFG.

Segundo ele, estimativas do mercado apontam que um impacto baixo da situação na China levaria a um acréscimo de 0,2 ponto percentual na inflação brasileira deste ano. Um efeito forte elevaria o IPCA em 0,5 a 0,6 ponto.

A reverberação de choques primários na inflação tende a ser contida pelo desempenho fraco da economia brasileira.

"Dependendo do grau de atividade, esses choques são repassados para os demais preços da economia e vira uma tendência generalizada de alta da inflação", diz Tatiana Pinheiro, economista chefe da BNP Paribas Asset Management.

"Quando a gente olha a ociosidade grande da indústria, o alto desemprego e a demanda fraca, o espaço do lado produtivo para aumentar preços é menor, mesmo com os custos subindo."

VEÍCULO: O Globo

Data: 11/05/2019

Seção: Economia

Autor:

Título: Após Brumadinho, Vale promete priorizar segurança

Executivo pede desculpas pela tragédia. Empresa levará até 3 anos para ter recorde de produção

A Vale informou ontem que poderá levar até três anos para voltar a atingir o ritmo de produção de minério de ferro antes planejado para 2019, que seria um recorde, em meio a uma nova agenda que coloca em primeiro plano segurança e excelência operacional, em resposta ao desastre de Brumadinho (MG).

Na quinta-feira, a companhia anunciou prejuízo de R\$ 6,4 bilhões no primeiro trimestre. O impacto financeiro da tragédia de Brumadinho soma R\$ 19 bilhões.

Em sua primeira fala pública após ser confirmado como diretor-presidente da mineradora, Eduardo Bartolomeo pediu desculpas pelo rompimento da barragem e afirmou que as três palavras que vão pontuar as prioridades da Vale são "segurança, pessoas e reparação"..

"Não poupamos nem pouparemos recursos e esforços para reparar de forma célere e justa os danos que causamos àquelas famílias, à infraestrutura das

comunidades e ao meio ambiente", disse Bartolomeo, em teleconferência com analistas de mercado sobre os resultados da empresa.

AÇÕES SOBEM 1,9%

Em sua gestão, o executivo afirmou que terá como compromisso "firmar um novo pacto com a sociedade", atuando como vetor de desenvolvimento econômico para as comunidades, "indo além do mero pagamento de impostos e de ações compensatórias, estabelecendo parcerias e alianças para um desenvolvimento territorial sustentável", sem dar detalhes.

Bartolomeo se comprometeu com a continuidade de estratégias estabelecidas anteriormente, de reposicionamento no setor de metais básicos, forte disciplina de alocação de capital e maximização da melhora da qualidade no minério de ferro.

O rompimento da barragem da mina de ferro Córrego do Feijão em Brumadinho (MG) atingiu instalações da empresa, mata, comunidades e rios da região. Foram confirmadas, até o momento, 238 vítimas. Outras 32 pessoas constam como desaparecidas.

Após o desastre, a empresa foi levada a paralisar o equivalente a 90 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. Entre as atividades que foram afetadas está a da mina de Brucutu, maior produtora da companhia em Minas Gerais.

As ações da Vale avançaram 1,9%, com a avaliação de analistas de que há espaço para a valorização dos papéis.

Com o baque nas atividades, a mineradora prevê atingir o ritmo de produção de minério de ferro anteriormente planejado para alcançar entre 2019 e 2023, de 400 milhões de toneladas por ano, apenas em dois ou três anos.

"Se me perguntarem quando a Vale espera atingir novamente produção próxima a 400 milhões de toneladas, diria que o horizonte é entre dois e três anos", afirmou Luciano Siani, diretor executivo de Finanças e Relações com Investidores, na teleconferência.

MME / ASCOM .